

Iconicidade, Simultaneidade e uso do espaço em Libras

Elidéa Lúcia Almeida Bernardino

Giselli Mara da Silva

Rosana Passos

1. Introdução

Na década de 1960, Stokoe – um linguista norte-americano – pesquisou a organização fonológica, as partes constituintes dos sinais da Língua de Sinais Americana - ASL. De acordo com Sacks (1998), o trabalho de Stokoe não foi bem aceito na época, provavelmente devido ao preconceito relacionado à modalidade das línguas de sinais, já que essas línguas têm características bem diferentes das línguas orais. No entanto, depois de aceitas, suas pesquisas possibilitaram várias mudanças, não só nas pesquisas sobre as línguas de sinais, mas também na forma de ver e educar as pessoas surdas.

No Brasil, as pesquisas em língua de sinais começam a se expandir na década de 80. Ferreira-Brito (1993) apresenta-nos um panorama dos estudos que se desenvolveram nessa década na área da Educação e da Linguística no Brasil. De acordo com a autora, no início da década de 80, não havia pesquisas suficientes para se afirmar que se falava uma mesma língua de sinais em todas as regiões brasileiras.

Somente após contato com a comunidade surda de algumas capitais e centros urbanos mais populosos, no Brasil, é que verificamos que a língua de sinais que havíamos estudado em São Paulo, é a mesma de outras regiões onde o português é língua falada. (FERREIRA-BRITO, 1993: 16)

Com o crescente interesse nas pesquisas em línguas de sinais no Brasil e em outros países, podemos contar atualmente com uma diversidade de pesquisas em áreas e linhas teóricas distintas, apesar de ainda termos muito a descobrir a respeito da língua de sinais e dos aspectos culturais e cognitivos relacionados à surdez. A partir dessas pesquisas, admite-se atualmente a existência de duas modalidades de línguas no que diz respeito à forma de produção e recepção:

- a) línguas espaço-visuais¹: língua de sinais brasileira – Libras, língua de sinais americana – ASL, língua de sinais francesa – LSF;
- b) línguas orais-auditivas: português, inglês, francês, entre outras.

No entanto, analisar e entender uma língua espaço-visual tem sido um desafio para pesquisadores, já que demanda um olhar diverso que os leve a compreender o funcionamento dessas línguas.

*O que as línguas de sinais e as línguas orais têm em comum?
O que diferencia essas modalidades de língua?*

1 Outras denominações são utilizadas, dependendo do aspecto ressaltado pelo teórico, tais como: língua gestual-visual, visual-motora e quiroarticulatória-visual.



As línguas de sinais e as línguas orais compartilham uma série de características. Como já se sabe, por exemplo, as línguas de sinais são compostas por unidades mínimas: os fonemas dessa língua – conhecidos como parâmetros das línguas de sinais (a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação da palma da mão e as expressões não-manuais). As línguas orais são compostas também por unidades mínimas sem significado – os fonemas. Por exemplo, no português temos os fonemas /m/, /o/, /p/, entre outros.

Há também as unidades mínimas com significado. Por exemplo: podemos dividir a palavra bimestre em duas unidades com significado: a unidade /bi/, que significa, “dois”; e a unidade /mestre/, que significa, mês. Na língua de sinais, também podemos dividir alguns sinais em duas unidades. Vejamos um exemplo².



Significado do sinal: ontem



Significado do sinal: anteontem

Observe que no segundo sinal – ANTEONTEM – acrescentamos um dedo a mais, indicando “dois dias”. Essa nova configuração de mão do sinal é uma parte com significado, como ocorre com o morfema /bi/, de bimestre.

Podemos então perceber que as línguas orais e as línguas de sinais têm em comum o fato de se dividirem em unidades menores: sem significado (os fonemas) e com significado (os morfemas). Há também outras características em comum entre essas línguas de modalidades diferentes. Vejamos abaixo algumas dessas características:

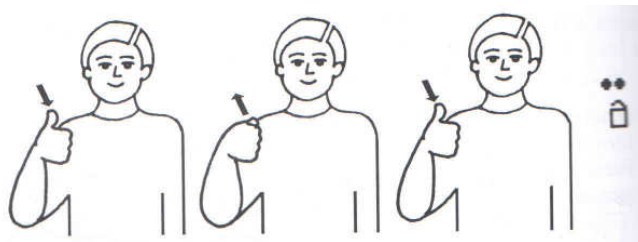
- as línguas de sinais e as línguas orais apresentam variação linguística em vários níveis (regional, social, etc.)

² Todos os exemplos de sinais deste texto foram extraídos de CAPOVILLA, F. C RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. V. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2001.



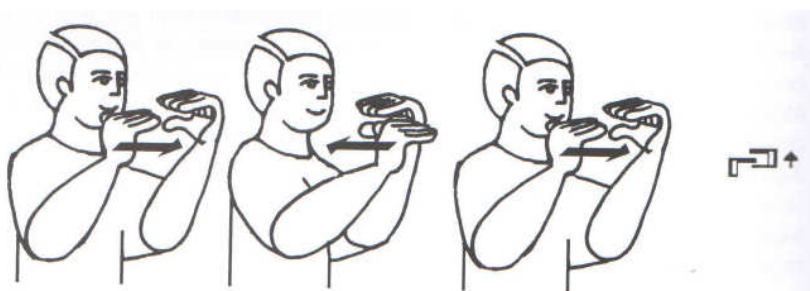


Fonte: Dicionário Acesso Brasil
Sinal referente a caneta – usado no
Rio de Janeiro



Sinal referente a caneta – usado em Belo Horizonte

- as línguas de sinais e as línguas orais desenvolvem novas palavras à medida em que há a necessidade de seus falantes. Por exemplo, o sinal referente a E-MAIL foi criado recentemente em Libras pela necessidade de se falar dessa nova forma de comunicação (SALLES et al., 2002, p.87). Veja o sinal abaixo:



Significado do sinal: e-mail

Enfim, poderíamos enumerar outras características comuns entre as línguas de modalidades diferentes³. No entanto, pode-se pensar também o que diferencia as línguas de sinais das línguas orais. Vários pesquisadores vão apontar três características que distinguem essas duas modalidades de línguas: a iconicidade, a simultaneidade e o uso do espaço. Abaixo vamos tratar de cada uma dessas características, mostrando alguns exemplos em Libras.

2. Características das línguas de sinais

A iconicidade e a simultaneidade são duas importantes características das línguas de sinais, que, de forma contrária, não se destacam nas línguas orais. Para compreendermos melhor essa

³ No livro “Ensino de Língua Portuguesa para Surdos”, Salles et al. (2002) apresentam várias características comuns às línguas de sinais e às línguas orais, denominadas na teoria gerativa de Universais Linguísticos.

questão, vamos trabalhar inicialmente com os pares Iconicidade/Arbitrariedade e Linearidade/Simultaneidade.

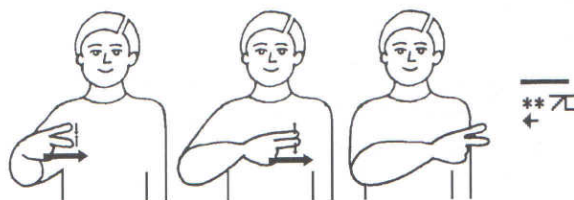
2.1. Iconicidade

O conceito de Arbitrariedade do signo foi desenvolvido na linguística no início do século passado por Saussure.⁴ A partir do conceito de arbitrariedade, afirma-se que não há nenhum laço que una o significante ao significado de um signo. Por exemplo, não há nenhum motivo interno à palavra “cadeira” que justifique o fato de essa palavra nomear o objeto ao qual ela se refere. Assim, as palavras não teriam nenhuma ligação com o conceito expresso por elas. Prova maior disso, de acordo com Saussure (1977), é o fato de existirem diferentes línguas. Quando esse linguista desenvolveu o conceito de arbitrariedade, buscou mostrar o que possibilita essa arbitrariedade: o uso social da língua.

Uma questão levantada a respeito do status das línguas de sinais como sistemas linguísticos tão complexos quanto as línguas orais diz respeito à arbitrariedade. As línguas de sinais não poderiam ser línguas, já que alguns sinais não são arbitrários, ou seja, se “parecem” com o que representam. Por exemplo: o sinal de CASA lembra o teto de uma casa; o sinal de TESOURA lembraria o formato e o movimento de uma tesoura. Esses sinais seriam icônicos, diferentemente das palavras que compõem as línguas orais, que são, em sua maioria, arbitrárias.



Significado do sinal: casa, morar



Significado do sinal: tesoura

A discussão que se coloca atualmente é que nem as línguas de sinais seriam completamente icônicas, nem as línguas orais seriam completamente arbitrárias.

Vejam os casos das línguas orais. Em português, temos as onomatopéias, por exemplo, *au au* – referindo-se ao som produzido por um cachorro, temos também o *toc-toc*, referindo-se ao som produzido por alguém batendo numa porta. Fiorin (2004) nos dá outros exemplos de uma possível motivação em línguas orais:

Os sons parecem ter um simbolismo universal. A oposição de fonemas graves, como o /a/, e agudos, como o /i/, é capaz de sugerir a imagem do claro e do escuro, do pontudo e do arredondado, do fino e do grosso, do

⁴ Saussure é considerado o pai da Linguística Moderna.

ligeiro e do maciço. Por isso, quando se vai indicar, nas histórias em quadrinho, o riso dos homens e das mulheres, usam-se, respectivamente, *ha, ha, ha* e *hi hi hi*. Ainda nas histórias em quadrinho, as onomatopéias que indicam ruído, sons brutais e repentinos, como pancadas, começam sempre por consoantes oclusivas, que são momentâneas como um golpe (p/b; t/d; k/g): *pum, pá, tá*. (FIORIN, 2004, p.62)

O autor aponta outros exemplos, não só em relação aos sons, mas também no nível morfológico e sintático. Por exemplo, na estruturação de uma frase em que há dois elementos numa hierarquia, geralmente o elemento mais importante é colocado na primeira posição na frase. Essa ocorrência seria um tipo de motivação que ocorreria nas línguas orais. Sendo assim, as línguas orais não seriam completamente arbitrárias, há algum tipo de motivação em suas estruturas.

Em relação às línguas de sinais, discute-se atualmente a respeito dos conceitos de Arbitrariedade / Iconicidade / Convencionalidade. Segundo Ferreira-Brito (1993), os sinais referentes a árvore e telefone seriam considerados icônicos.



Significado do sinal: árvore



Significado do sinal: telefone

No caso do sinal referente à árvore, o antebraço representaria o tronco, as mãos abertas, os galhos e o movimento da mão remeteria ao movimento das folhas. Porém, segundo Ferreira-Brito (1993), em outras línguas de sinais não se usa esse mesmo sinal, o que indica que cada língua de sinais escolhe um aspecto do objeto como motivação para a “criação” dos sinais.

Outro exemplo citado por Quadros (2004) é o sinal de NÃO em Libras. Esse mesmo sinal em ASL significa ONDE.



Podemos concluir que se os sinais fossem completamente icônicos – ou seja, simplesmente se assemelhassem aos objetos que representam – seriam iguais em todas as línguas de sinais. Porém, é justamente o contrário, cada povo usuário de uma língua seleciona um aspecto que será mais evidente no sinal. Vejamos o caso do sinal de cachorro em Libras e em ASL: em Libras, o sinal lembra o focinho do cachorro; em ASL, lembra uma pessoa chamando um cachorro, batendo, inicialmente, a mão na cintura e, em seguida, fazendo um ruído com os dedos.

Acrescente-se a isto o fato de que toda arbitrariedade é convencional, pois quando um grupo seleciona um traço como uma característica do sinal, outro grupo pode selecionar outro traço para identificá-lo. Assim, pode-se dizer que a aparência exterior de um sinal é enganosa, já que cada língua pode abordar um aspecto visual diferente em relação, por exemplo, ao mesmo objeto, diferenciando a representação lexical de língua para língua. (QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 32).

Pode dizer que as línguas de sinais não são completamente icônicas (há também sinais arbitrários). No entanto, observamos que essas línguas são muito mais icônicas que as línguas orais.

Por que as línguas de sinais são mais icônicas que as línguas orais?

Segundo Ferreira-Brito (1993), a modalidade de língua gesto-visual favorece a representação icônica dos objetos do mundo real. Nesse sentido, é muito mais fácil criarmos sinais que lembram a forma ou o movimento dos objetos do que criarmos palavras que lembram os sons que nos rodeiam. Dito de outro modo, as línguas de sinais apresentam a possibilidade de representar as características dos objetos.

A iconicidade, característica fortemente explorada nas línguas espaço-visuais, foi responsável em parte pelo fato de se pensar que as línguas de sinais seriam compostas por mímica, gestos, e que só expressariam apenas conceitos concretos. No entanto, a iconicidade, além de convencional, pode possibilitar a expressão de conceitos abstratos, podendo representar, por exemplo, algumas metáforas em línguas de sinais. Um exemplo seria a metáfora referente a “estar em casa sem fazer nada”: visualmente, o sinal dessa metáfora lembra um passarinho em uma gaiola; mas seu significado é abstrato, sendo construído metaforicamente.

2.2. Simultaneidade

A linearidade, juntamente com o conceito de arbitrariedade, foi desenvolvida por Saussure, o qual afirma que todo signo é linear, sendo que os significantes acústicos se organizam linearmente numa cadeia no tempo. Ao se desenvolver o conceito de linearidade, pensou-se exclusivamente nas línguas orais, no signo oral. Por isso, dizemos que o signo visual trouxe novos questionamentos ao estudo das línguas. Sendo assim, as línguas orais, a princípio, seriam lineares, e as línguas de sinais, simultâneas.



Por que as línguas de sinais são mais simultâneas que as línguas orais? Como essa simultaneidade se manifesta na língua?

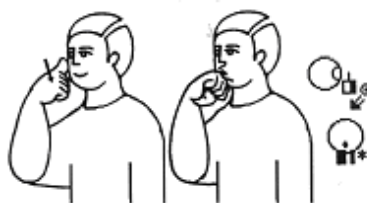
Novamente vemos uma questão relacionada à modalidade da língua – as línguas de sinais são línguas tridimensionais que permitem a realização de vários elementos linguísticos ao mesmo tempo. Como vimos, enquanto os fonemas das línguas orais são articulados de forma linear (um fonema após o outro); nas línguas de sinais, os fonemas ocorrem simultaneamente, envolvendo movimentos das mãos, do corpo, expressões faciais, etc. Vamos então analisar um exemplo.



Significado do sinal: triste

Neste sinal, ao mesmo tempo em que a mão assume uma determinada forma e toca o queixo, o sinalizador usa uma expressão facial que lembra uma pessoa triste. Vimos aí os parâmetros que compõem este sinal. Também podemos identificar como os morfemas da Libras ocorrem simultaneamente. Lembra do exemplo dado anteriormente, em que comparamos o sinal relativo à anteontem e ‘a palavra “bimestre”’? Enquanto na palavra os morfemas /bi/ e /mestre/ são articulados de forma linear, um após o outro; no sinal ANTEONTEM, o fonema referente a dois (configuração de mão) é articulado simultaneamente aos outros parâmetros.

No entanto, encontramos também na composição de sinais elementos que são lineares. Observe abaixo o sinal referente à mãe.



Significado do sinal: mãe

Este é um sinal composto por dois sinais: primeiramente realizamos o sinal referente à mulher (movimentando o polegar na face), em seguida, articulamos o sinal de bênção (beijando o dorso da mão fechada). Estes dois componentes do sinal são articulados de forma linear, compondo um terceiro sinal.

As línguas orais são mais lineares que simultâneas, já que os fonemas são produzidos numa cadeia linear. Porém, se observarmos a entonação que damos às frases, podemos dizer que a produção de sons e a entonação são informações simultâneas que ocorrem nas línguas orais. Sendo assim, a simultaneidade não seria uma característica exclusiva das línguas de sinais, e estas, por sua vez, não são completamente simultâneas.

2.3 Uso do espaço

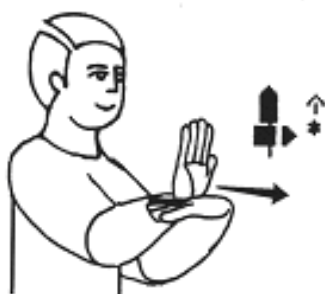
Como já se disse anteriormente, as línguas de sinais são línguas tridimensionais. Essa característica permite a utilização do espaço à frente da pessoa que sinaliza para construir frases em Libras. Imaginem que estamos construindo uma frase em que dizemos que há um copo que está do lado direito da mesa. Em Libras, fazemos o sinal referente à mesa e, em seguida, realizamos o sinal referente a copo situando-o no espaço do lado direito.

Essa exploração do espaço na construção de elementos da Libras exige uma perspectiva diferente para se compreender esse sistema espaço-visual, através do qual se estabelecerão as relações gramaticais.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.128-130), há vários mecanismos espaciais na construção de frases em Libras.

- a) fazer o sinal em um local particular;
- b) direcionar a cabeça, os olhos em direção a uma localização particular;
- c) usar apontação para um referente presente;
- d) usar os verbos direcionais e com flexão;
- e) dentre outros.

Esses verbos com flexão de que falam Quadros e Karnopp (2004), são verbos que se modificam conforme o sujeito e o objeto. No uso desses verbos, fica muito claro como exploramos o espaço. Vejamos abaixo.



Significado do sinal: ajudar

Observem a seta que indica a direção do movimento deste sinal. Se você for dizer a alguém com quem está conversando que vai ajudá-lo, o movimento do sinal deve ir em direção à pessoa com quem você está conversando. Se você for dizer que essa pessoa ajudou você, o movimento do sinal deve ir em sua direção.



Importante destacar também que o uso do espaço pode ser usado metaforicamente para mostrar, por exemplo, a oposição ou comparação entre duas pessoas. Uma pessoa ficará, por exemplo, do lado direito e a outra, do lado esquerdo. Ou podemos usar o espaço para mostrar diferentes períodos de tempo, como se construíssemos uma linha do tempo à frente do corpo enquanto sinalizamos.

Enfim, o espaço é um importante elemento na estruturação de frases e até mesmo de textos na Libras, e a compreensão do uso do espaço é fundamental para a compreensão do funcionamento das línguas de sinais.

Concluindo...

Vimos então que as línguas de sinais compartilham inúmeras características com as línguas orais. No entanto, também apresentam características específicas que estão relacionadas à modalidade espaço-visual. Infelizmente ainda temos poucas pesquisas sobre as línguas de sinais que nos possibilitem uma maior compreensão desses aspectos. Porém, percebemos atualmente um interesse maior em compreender essa modalidade de língua que poderá contribuir futuramente com as metodologias de ensino dessas línguas e, até mesmo, com a educação de surdos.

Referências:

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2001.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Integração social e educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de língua de sinais*. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: J.L.FIORIN (org.), *Introdução à lingüística*. teóricos. São Paulo: Contexto, 2004.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira- Estudos Lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (trad. Laura Teixeira Mota)

SALLES, H. M. M. L. *et al. Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília : MEC, SEESP, 2004. 2 v. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos).

